

Artigo

***Necrológio*, de Victor Giudice: uma leitura de capa**

Necrológio, by Victor Giudice: a cover reading

Alexandre Leidens¹ 

¹Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil

RESUMO

Este ensaio se propõe a analisar a concepção de Victor Giudice como capista em sua obra de estreia: *Necrológio*. A imagem estabeleceu à publicação questões disruptivas e inovadoras, que trabalham em intersecção sobretudo com o primeiro conto iniciado no terço final da capa, chamado *O arquivo*. O trabalho buscará realizar uma análise numa perspectiva um tanto quanto incomum e ligada, inclusive, a um processo e contrassenso literário, ao focalizar prioritariamente a capa do livro. Para isso, serão observadas as características da composição da imagem, do jogo de cores e das suas ligações com as primeiras frases do conto. O ensaio se baseará nos estudos realizados anteriormente sobre a obra de Giudice, sobretudo ao que concerne à capa da primeira edição de *Necrológio*, como Almeida (2018), Melo (2011), Coelho (2013), dentre outros pesquisadores.

Palavras-chave: Victor Giudice; Capa; *Necrológio*

ABSTRACT

This essay aims to analyze the conception of Victor Giudice as a cover artist in his debut work: *Necrológio*. The image established numerous disruptive and innovative questions for the publication, which intersect particularly with the first story started in the final third of the cover, called *O arquivo*. This essay will seek to carry out an analysis from a somewhat unusual perspective and linked, in fact, to a process and literary nonsense, by focusing primarily on the book cover. To do this, the characteristics of the composition of the image, the play of colors and their connections with the first sentences of the story will be observed. The essay will be based on studies previously carried out on Giudice's work, especially regarding the cover of the first edition of *Necrológio*, such as Almeida (2018), Melo (2011), Coelho (2013), among other researchers.

Keywords: Victor Giudice; Cover; *Necrológio*

1 INTELECTUAIS E O NAZISMO

Victor Giudice foi um intelectual multifacetado, pois produziu em diferentes campos da arte. A ópera, o teatro, a fotografia, a música e a literatura foram algumas formas de expressão utilizadas por ele ao longo da vida. Na literatura, em particular, se afastou dos lugares comuns. Também teve atuação de destaque como crítico musical no *Jornal do Brasil* e, de certa maneira, permitiu que a música influenciasse suas narrativas, como observa Almeida (2016), ao analisar a função do ritmo como estratégia de engajamento na recepção de sua obra. Giudice se mostrou ligado às angústias do seu tempo e preocupado com uma concepção de arte que refletisse questões sociais. Alguns trabalhos, inclusive, evidenciam a sua verve questionadora (Melo, 2011), principalmente quando publicou o primeiro livro de contos, *Necrológio* (1972), em meio à ditadura.

O primeiro conto de *Necrológio* é a narrativa de maior destaque de Giudice, ao menos no que condiz à amplitude de publicações e traduções. O conto “*O arquivo*” foi publicado em coletâneas em vários países, como Estados Unidos, México, Argentina, Nicarágua, Colômbia, Bulgária, Polônia, Alemanha e Tchecoslováquia (Giudice, 1989). Foi lembrado também no compêndio intitulado *Os cem melhores contos do século XX*, de Ítalo Moriconi (2009).

A obra de Giudice como um todo, no entanto, não encontra reedições no mercado editorial contemporâneo, de modo que permanece, em geral, restrita a poucos leitores e à comunidade acadêmica (Scoville, 2004). Dentre os trabalhos acadêmicos, a literatura de Giudice é tema de estudos provindos de pesquisadores como Nelly Novaes Coelho (2013), Tereza Virgínia de Almeida (2016), Tereza Virgínia de Almeida, Carolina Veloso, Anna Viana Salviato e Luisa Menim (2018), Liana Aparecia Pauluka de Souza (2017), André de Scoville (2004), Carolina Veloso (2018), Maria Albertina Freitas de Melo (2011), dentre outros.

A capa da primeira edição de *Necrológio* é assunto recorrente entre os estudiosos da obra de Giudice. A imagem, em particular, foi analisada em artigos, dissertações e teses, e é provável que tenha angariado maior interesse dos pesquisadores porque foi

uma concepção do próprio autor, que manteve a prática em obras posteriores: *Salvador Janta no Lamas* (1989) e *Museu Darbot e outros mistérios* (1994).

O principal intuito desse ensaio é analisar a capa da obra *Necrológio*, observando-a enquanto objeto estético em particular e ligando-a ao conto *O arquivo*, que é iniciado no seu terço final. Esse trabalho parte da sugestão de um contrassenso literário, ao ir além do difundido conceito de literatura, de que não se deve avaliar um livro pela capa, apresentando, assim, uma visão relativamente invertida do jargão. O propósito, em linhas gerais, não é analisá-lo a partir da capa, mas observar a concepção da capa como proposta estética, em intersecção com o conto inicial. Para isso, a dissertação de Silveira (2006) dará sustentação às considerações acerca da função da capa em uma obra literária.

De abordagem qualitativa, a análise terá como base os trabalhos publicados anteriormente sobre o assunto, sobretudo dos autores já elencados; no entanto, também se permitirá uma interpretação espontânea, construindo uma leitura de Giudice como capista, complementando a sua atuação como escritor e observando a sua relação com o objeto literário enquanto concepção estética.

2 NA CAPA DO LIVRO: O CONTO

A estrutura da obra *Necrológio*, em amplo aspecto, é passível de uma abrangente análise e deixa perceber um escritor maduro, consciente da sua composição estético-literária. Giudice foi editor, crítico, professor. Sua literatura, de modo geral, requer um leitor atento e iniciado em algum grau à literatura disruptiva, com caráter inovador. Suas narrativas não podem ser avaliadas de maneira superficial, pois sempre há um ponto a mais para consideração, uma nova ou diferente leitura, um ou vários subtextos para serem ponderados.

Coelho (2013, p. 932) corrobora essa concepção, sobretudo quando aponta que “Em *Necrológio* a palavra narrativa não vale por si só (embora possa também ser tomada como tal), mas sim pelo que lhe corre através. Isto é, pela problemática

que está presente como um subtexto a ser descoberto pelo leitor". A ênfase no subtexto demonstra a necessidade de participação do leitor na construção de sentido, principalmente porque o autor se utiliza de uma perspectiva experimental e fantástica em alguns dos contos que compõem a obra, suspendendo qualquer trivialidade:

A naturalidade na fusão do real e do imaginário, a ruptura com o convencional (com o já conhecido) que Victor Giudice registra em *Necrológio*, obriga o leitor a um novo relacionamento com o texto. A nova concepção de literatura que está presente na diretriz da "transgressão" obriga a uma leitura dinâmica (no sentido de criativa e não, de rapidez) que atinja os vários níveis de significação da escritura, pois é principalmente neste último plano (o do discurso) que se dá a ruptura (Coelho, 2013, p. 934).

A cobrança por criatividade que Giudice faz ao leitor, de certa forma, reforça a participação deste na leitura mais aprofundada e na observação da literatura enquanto argumento crítico-social. Esse apuro, sobretudo quando atinge os níveis mais variados de significação, faz de *Necrológio* espaço profícuo para o diálogo entre texto e leitor, tendo este, importância essencial na construção de sentido do texto. A transgressão se torna um artifício bastante eficaz quando relacionada à subversão das leis e regras preestabelecidas, além disso, em *Necrológio* e, principalmente no conto *O arquivo*, evidencia a pobreza material e a pobreza de espírito da sociedade (Veloso, 2018).

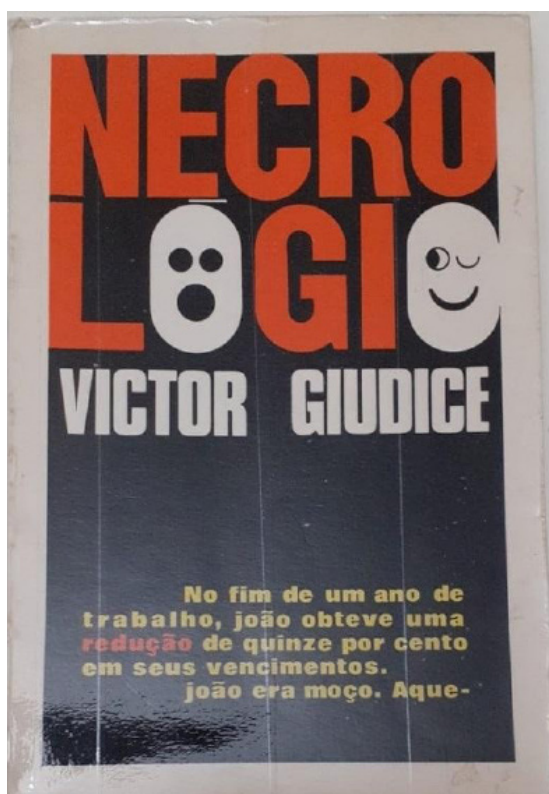
É por meio da transgressão que se pode compreender o sentido da capa do livro. Nela se encontra uma confluência significativa entre o conto inicial e a imagem e, porque não dizer, posteriormente, entre a imagem e os demais contos. Dificilmente a capa poderá ser considerada uma significação em um último plano discursivo, ainda sob a perspectiva de Coelho (2013), uma vez que

No primeiro contato com um livro, ainda não somos leitores de sua configuração verbal; somos leitores de sua forma, que se oferece à nossa percepção de forma concreta através da visão e do tato, iniciando a nossa experiência. Trata-se de uma etapa prévia ao mergulho no texto (Silveira, 2006, p. 17).

No entanto, em *Necrológio*, a capa atua de maneira mais complexa nesse contexto porque, embora seja uma etapa prévia à narrativa, nela está contida também o início do texto. Então, de certa maneira, Giudice consegue consubstanciar a leitura da forma, em percepção concreta – visão e tato – com a leitura do texto, da própria narrativa.

A capa de *Necrológio* apresenta características que elevam a percepção da criatividade em uma perspectiva estético-visual, rompendo com o convencional e abrindo possibilidades para um novo, ou diferente, relacionamento do leitor com o texto. Nesse sentido, Giudice, por meio de um processo de transgressão (Coelho, 2013), transpõe, em determinado grau, as definições de Silveira (2006) e propõe uma nova perspectiva no que concerne às proposições estéticas relacionadas às capas de livros. Faz-se necessário, então, para uma análise de seus pormenores, observá-la:

Figura 1 – Capa de *Necrológio*, de Giudice



Fonte: Site-memória do escritor, professor, crítico e músico Victor Giudice. Disponível em: <http://victorgiudice.com/necrologio.html>. Acesso em: 30 jul. 2024.

Como afirmado anteriormente, o início do conto *O arquivo* está alocado no terço final da capa, seguindo na página 1, até o seu fim, na página 5. A leitura de que a imagem configura uma espécie de lápide ou campa funerária é comum nos estudos sobre a obra. Melo (2011) considera um epitáfio as primeiras palavras do conto. A palavra que nomeia o livro – *Necrológio* – carrega a significação de algo que se fala ou escreve sobre alguém falecido. Dessa forma, a hipótese de simulação de lápide ou campa funerária a partir da figura encontra também, no próprio nome do livro, um alicerce. O título, pode-se dizer, contribuiu substancialmente para que essa concepção se tornasse bastante comum.

O conto de abertura, dessa forma, abre não só as narrativas do livro, mas também apresenta, de antemão, uma clara preocupação com um apuro na concepção de *Necrológio* enquanto objeto estético. O artifício de iniciar o conto na capa do livro é incomum inclusive para a contemporaneidade. N' *O arquivo*, Giudice eleva a objetividade ao máximo e demonstra não haver tempo nem espaço a perder. A narrativa chega no primeiro contato com o objeto físico do livro, de modo que, diferente do conhecido jargão que afirma não se poder avaliar um livro pela capa, em *Necrológio* ela se torna o primeiro ponto natural de análise e fundamentalmente necessária para a leitura.

Considerando a perspectiva da simulação de lápide ou campa funerária, intui-se que a própria figura requer com urgência um relato da sua história, sem uma atenção excessiva ou demasiada preocupação com folhas de rosto, dados bibliográficos, fichas catalográficas, epígrafes e dedicatórias. Para a lápide/campa funerária, nada é mais importante do que o próprio texto, do que o anseio pela narrativa, do que a necessidade de, mesmo tardiamente, registrar a vida que ali se desfaz e mostrar, de alguma forma, que existiu, de fato. A transgressão, nesse caso, desmantela as normas e deixa em segundo plano as burocracias do mercado editorial, uma vez que aparecem apenas ao final do conto, entre as páginas 5 e 14, deixando antever que nenhuma norma formal ou intuitiva tem mais valor do que a literatura que se interpõe e avança algumas casas, por assim dizer, chegando à capa, dispensando revestimentos, invólucros ou proteções, porque não há espaço para trâmites, processos, entraves e devaneios.

A partir da perspectiva de intromissão, em que a narrativa ocupa espaços geralmente reservados à burocracia editorial, há um apelo, porque não dizer, de revisão estrutural, ao mesmo tempo em que há, também, a introdução do epitáfio.

Victor Giudice, ao iniciar seu conto dessa forma, nos remete à possibilidade de se fazer uma homenagem a João e eternizar seu tempo de juventude que foi efêmero. O autor evoca a memória de João. Quando este, ainda jovem, entra na empresa para trabalhar, ele tem sua morte social ali mesmo (Melo, 2011, p. 35).

Em certo aspecto, é permitido pensar que o conto começa e termina no mesmo espaço, pois ao iniciar na lápide, perpassar toda a vida de trabalho de João e terminar com ele se transformando em arquivo de metal, retorna para a primeira referência. A imagem de um arquivo de metal é, de certa maneira, relativamente parecida com uma campa funerária. Há uma morte na imagem da capa e outra, ainda que em um contexto fantástico, no fim do conto. As duas se consubstanciam na lápide/campa funerária/arquivo de metal.

A transmutação de João em arquivo de metal abre uma possibilidade de leitura do conto aproximando-o do insólito e do fantástico. A obra foi publicada durante os períodos mais repressivos da ditadura militar¹, fazendo com que, em algum grau, fossem necessárias determinadas artimanhas ficcionais no desenrolar da narrativa, como afirma Melo (2011). Além disso, Giudice não abre mão da criatividade e, inclusive, de um trabalho com o experimentalismo, nem mesmo perante à censura:

Esse comprometimento em explorar novas representações do mundo e novos conceitos que iam além das convenções até então estabelecidas, denunciava que aquela sociedade estagnada diante das situações políticas, da repressão, da perseguição aos intelectuais, da censura, estava prestes a mostrar a sua criatividade e dismantelar a palavra que dava poder aos representantes. Dessa forma, com essa experiência criativa, havia a possibilidade de desafiar convenções e métodos bem como explorar a existência material do texto (Melo, 2011, p. 89).

¹ Scoville (2006) analisou a influência do período repressivo na obra de Giudice, observando como as transformações sociais provindas do autoritarismo estão presentes nas suas narrativas.

De maneira geral, o contexto sócio-político da época era desfavorável para qualquer produção cultural, sobretudo às que se arriscavam a desafiar as normas vigentes. Isso trouxe, de certa forma, uma importância ainda maior à criatividade, ao subtexto, ao não dito, uma vez que era por esse viés que muitos artistas conseguiam driblar a censura. Giudice não se absteve de enfrentar o regime e a publicação de *Necrológio* se configura, em amplo aspecto, como um desafio à ditadura. Nesse caso, em específico, há que se considerar além da capa, todas as narrativas contidas na obra². Além disso, Veloso (2018) ressalta que *Necrológio* foi concebido com 14 contos, mas um deles foi censurado e publicado posteriormente, em 1994. De certa maneira, pelo contexto inclusive do próprio conto, intitulado *O Hotel*, pode-se sugerir que Giudice tenha o encaminhado justamente para chamar a atenção do censor e provocar uma resposta negativa, cerceando esse conto e permitindo a publicação dos outros 13. Veloso (2018), ainda, lembra que o autor produziu os contos com o intuito de desafiar o leitor, mas também de desafiar a DCDP³, sem deixar de expor a sociedade do seu tempo.

Fazendo da morte (grotesca ou burlesca) o ato afinal de todas as suas narrativas, o carioca Victor Giudice realiza em *Necrológio* (seu livro de estreia) uma das mais originais desmistificações da “sociedade das aparências”, em que vivemos – entre os valores deteriorados (mas ainda vigentes) da Tradição herdada e os novos valores (em germinação caótica). Fantasia e lucidez crítica fundem-se de maneira essencial na escritura deste insólito “*necrológio*” que, ao invés de ser “o registro dos méritos e virtudes de pessoas falecidas” (como reza o dicionário), é o desvendamento tragigrotesco das debilidades, vícios, puerilidades e temores de seres que vivem (ou desvivent?) uma existência amputada de vida autêntica. Isto é, existências que escorrem para a morte, sem nenhuma fresta para a libertação e expansão vital que só o dinamismo criador permite ao Ser (Coelho, 2013, p. 925).

² Em sua tese, Maria Albertina Freitas de Melo (2011) analisa os contos de *Necrológio* sob o viés do enfrentamento ao regime ditatorial.

³ Divisão de Censura de Diversões Públicas.

Giudice escancara a podridão das relações sociais, a hipocrisia dominante na sociedade, as mazelas escamoteadas, esquecidas e subjugadas. O autor faz do óbito em *Necrológio* e, sobretudo n’*O arquivo*, a alegoria de uma sociedade morta moralmente, de uma sociedade que sequer percebe a ausência de humanidade, imposta principalmente na imprecisão ou incapacidade de discernimento. A partir do processo de construção estética inovador ou experimental, Giudice fundamenta a transparência com que enxerga as relações humanas e sociais, por trás da cortina de fumaça e das aparências, construindo em um parâmetro inclusive estrutural, um paradoxo do absurdo. Em visão semelhante, Scoville (2004, p. 3) vê no conto uma lógica “que induz o leitor a pensar que o insólito também faz parte de sua própria realidade. O absurdo no conto de Giudice está colocado de modo a remeter a uma analogia com o mundo real”.

Uma concepção do realismo em Giudice pode se ancorar justamente no contexto absurdo da realidade. Graças a uma percepção de conto enquadrada em um espectro estrutural aproximado a Moisés (1978), quando aborda a construção do gênero, em específico, sem divagações ou digressões a fim de manter a alcunha de breve história, utilizando um número estritamente necessário e suficiente de palavras, que, de uma maneira ou outra, convergem para a mesma finalidade, o autor estabelece uma perspectiva que não se distancia da percepção de Coelho (2013) ao permitir ou possibilitar, por assim dizer, que o não dito e o subtexto trabalhem a seu favor.

Perante a absurdidade da vida, Giudice não deixa espaço para a hipocrisia, nem mesmo quando em formas veladas ou silenciadas, numa realidade transparente, nua e crua, sobre a qual trabalha de modo direto e sem rodeios. A capa da obra parece antever, pelo viés da objetividade e da negação de toda divagação desnecessária, uma indisponibilidade na abertura de janelas narrativas que não venham a propiciar uma coesão à narrativa e que não tenham uma função estritamente desenhada dentro da ampla concepção do seu objeto literário. Nesse contexto, se poderia analisar as primeiras frases contidas na imagem, inclusive, como um miniconto, guardadas as devidas proporções, mesmo que para isso fosse preciso desconsiderar o restante do texto.

Giudice eleva o conto não apenas à máxima urgência enquanto denúncia, visto a perspectiva da sua realidade sócio-histórica (Melo 2011), e nem só ao desmantelamento e exposição da sociedade das aparências (Coelho, 2013), mas também a um patamar onde a abertura da obra enquanto narrativa pode dizer, e diz, muito mais do que o escrito no texto.

A primeira frase deixa a entender que há uma relação empregatícia entre a fábrica e João e que essa relação se dá de forma descompassada, afinal, há uma redução de quinze por cento no valor recebido. Não há aumento salarial por conta do tempo de serviço, mas uma considerável redução. Mesmo sob um estranhamento inicial, justamente pela diferença entre o plausível e o realizado, fica clara também uma abertura no que condiz ao âmago das questões sociais e trabalhistas sugeridas pela narrativa.

Já nesse ponto é possível perceber a alienação dirigida do homem contemporâneo. O homem – João – que é levado a se contentar com a condição em que se encontra, enfrentando com naturalidade a própria autoanulação no desenvolvimento de uma atividade aniquiladora do ser (Santos, 2008).

A primeira frase do conto instala um conflito, sobretudo pela ilogicidade da relação entre renda e trabalho. Um homem que, após um ano de trabalho, recebe como gratificação um corte no próprio salário é uma situação que foge da normalidade, causando estranhamento. Por meio de um cenário particular, Giudice questiona os problemas econômicos enfrentados pelo país na época. Em consideração sobre o conto e o período em que foi publicado, Melo (2011) lembra que a ferrenha inflação na década de 70 fazia com que os operários trabalhassem sem mais para manter o padrão do que para conseguir se manter de forma digna.

Outros pontos que podem causar estranhamento na primeira frase são a maneira como o nome do personagem é grafado, com inicial em minúscula, e a palavra redução estar em uma cor diferente das demais. Em particular, a palavra redução pode ser pensada como ponto chave da oração, sobretudo porque ao construir uma

frase, também se constrói uma conclusão possível, inferindo-a de antemão antes do seu término. Ao conceber a oração com tais palavras, indicando primeiro que ao fim de um ano de trabalho João obteve algo, é plausível que se construa uma percepção e inclusive se espere que ali figure alguma palavra como aumento, promoção ou termo similar nesse campo semântico. Isso acontece porque em determinado ponto seria o natural após um ano de trabalho. Colocar uma palavra com o sentido oposto ao esperado na oração, grafada em cor diferente, faz com que a nenhum leitor passe despercebida tal incoerência. Como um grito em momento oportuno, Giudice apela ao absurdo e, de alguma forma, se utiliza dele tanto para o estranhamento inicial quanto para os primeiros questionamentos do conto.

A palavra “vencimentos” abre uma leitura diversa porque além de significar salário ou ordenado de qualquer emprego, indica da mesma forma o término de um prazo ou o fim da vigência de um contrato. Nessa perspectiva, João poderia estar em processo de término do contrato de trabalho ou poderia também estar chegando ao fim um determinado período de tempo na sua vida, em concepção semelhante a de Melo (2011), relativa à morte social de João. O texto aparenta, ou, ao menos deixa que se suponha, uma ambiguidade dessa palavra, uma vez que se pode intuir uma indicação de que está terminando o tempo em que João recebe um salário digno e consegue viver com certa normalidade ou qualidade de vida.

A normalidade é justamente o que se perde no contexto apresentado na primeira oração do texto. Não à toa, a frase seguinte, última contida na imagem, “João era moço. Aque –” (Giudice, 1972, capa), fecha os escritos da capa e termina o epitáfio.

A partir dessa observação se pode considerar o protagonista falecido. Ao afirmar que era moço, o narrador o faz de maneira semelhante a uma lamentação pós-morte. A divisão da palavra “aquele” não seria necessária senão para levar o leitor até a primeira página do livro e fazê-lo entender que ali continua a narrativa. Nesse momento é possível perceber, além disso, que aquelas frases na capa são parte de uma narrativa maior e não se configuram como frases soltas, como lamentações ou,

propriamente, como um miniconto. É por meio dessa palavra que se dá continuidade à narrativa. É a partir dela que o leitor literalmente abre o livro e se depara com o conto alocado em lugar incomum, seguindo o texto iniciado na capa.

A grafia do nome João ser feita com inicial em minúscula foi analisada em alguns trabalhos, como o de Veloso (2018, p. 121), quando observa que “representa a desumanização e o apagamento do personagem enquanto sujeito social e de sua própria vida”, e o de Scoville (2004, p. 24), ao afirmar que a inicial de João com minúscula enfatiza a “sua personalidade também minúscula”. A maioria das concepções conflui para uma perspectiva semelhante. Em linhas gerais, a falta ou a perda de importância do personagem em um contexto social trabalhista é uma das conclusões comuns. Ademais, no conto não há comunicação horizontal nem processo de troca, pois o chefe manda e João, em silêncio, obedece (Melo, 2011). A indiferença com que é tratado pelo chefe e por todo um constructo social no qual está inserido deixa a inferir uma incapacidade ou insuficiência no personagem enquanto detentor de certo controle acerca da própria vida. Nesse aspecto:

A exemplo de João temos Josés e Marias, com iniciais minúsculas, trabalhadores assalariados que são obrigados a deixar seu espaço urbano e se deslocar para as periferias, muitas vezes jogados nas ruas em estados introspectivos de espírito, no ócio, no retraimento e esquecem que dentro deles existe um eu que tem condições de se expandir e sair dessa situação marginal de vida, carecedora de contatos sociais (Melo, 2011, p. 36).

Giudice desnuda algumas das questões sociais mais importantes do seu tempo e o faz de maneira a suscitar a reflexão de diversas formas: a concepção da imagem da capa; a organização do conto nas primeiras páginas; a estruturação do texto em colunas retangulares, reduzindo a mancha na página e deixando-a restrita a uma coluna à direita, semelhante a uma epígrafe ou citação. Nesse caso, essa estruturação escrita do conto nas primeiras páginas ocupa a página inteira, diferente da epígrafe

ou da citação, podendo-se afirmar inclusive que faz alusão a uma campa funerária ou a um caixão pelo formato que o texto assume. A concepção estrutural do objeto físico do livro, com todas as características nele intrincadas, parece pensada como uma provocação, como uma oportunidade de reflexão, como um desafio.

Nesse sentido, um ponto importante a ser observado na capa da obra é o jogo de cores. Em um primeiro momento, poder-se-ia considerar o fundo preto em formato retangular uma simulação de mármore escuro, tal qual uma lápide comum, em consonância com o interpretado por Melo (2011). Além disso, abre a possibilidade de uma aproximação com um arquivo de metal⁴, tal qual a transformação sofrida por João no fim do conto, inclusive pela disposição da palavra *necrológio* na figura, bem como do nome do autor, que lembram um ordenamento de gavetas funerárias.

As palavras "*necrológio*", título do livro, e "redução", aparecem grafadas em uma cor diferente das demais⁵. Aderindo a uma perspectiva de leitura intuitiva, ancorada tanto na imagem quanto na primeira frase do conto, pode-se pensar que a partir da redução João tenha sido levado à morte, mesmo que simbolicamente, e, em consequência, teria a escritura do seu *necrológio*. O conto, dessa forma, tem seu início e término na morte. Primeiro com a morte social de João ao ingressar na empresa (Melo, 2011), depois com a sua transmutação em arquivo de metal e a escrita do texto, que funciona, em amplo aspecto, como seu *necrológio*. Em pensamento semelhante, supõe-se que a redução foi o mais importante conflito ou problema-chave da vida de João, tão impactante que figura inclusive no seu epitáfio. A redução é a morte ou a aproximação dela. A redução é a perda de espaço, é a supressão da vida, que aos poucos reduz João ao nada, terminando por implodi-lo em um arquivo porque sequer uma explosão lhe seria permitida. De certo modo, a redução é o *necrológio* e o *necrológio* é a redução. As duas palavras grafadas em vermelho ganham carga extra de significação porque a literatura de Giudice não

⁴ Melo (2011), em sua tese, analisa o significado da cor cinza de um arquivo de metal, em que João sofre a metamorfose no fim do conto.

⁵ Embora a imagem elencada anteriormente apresente a cor laranja, neste ensaio será considerada como vermelha, seguindo a publicação original, em consonância com outros estudos, como o de Santos (2008). A mudança de tonalidade se deu, muito provavelmente, pela ação do tempo sobre o livro.

deixa pontas soltas, de modo que tudo parece ser pensado e construído por um motivo e com um propósito, ou vários.

As cores vermelha e preta podem ser associadas, em determinado aspecto, à ideia de morte. Nesse sentido, atuam como a criar uma ambivalência na capa do livro, ao mesmo tempo em que carregam uma associação com a morte – somada ao título e à concepção de lápide/campa funerária –, também apontam para um processo de diferenciação naquele cenário, apresentando, já na capa, um conceito estético da produção como um todo, pois enfatiza a perspectiva do absurdo e da denúncia social. O vermelho, sobretudo na palavra “redução”, atua como um meio para chamar a atenção à palavra. Não fosse com essa finalidade, não haveria motivo para grafá-la em cor diferente. A cor vermelha, em especial, parece atrair para si um anúncio de anomalia, por assim dizer. O vermelho atesta que a redução e a escritura do *necrológio* de uma pessoa insignificante como João não são naturais. No geral, *necrológios* são escritos exaltando os feitos de pessoas com prestígio social, poder aquisitivo ou grandes conquistas, e não destinados a funcionários comuns, desprovidos de poder econômico e político, como João.

Ao usar esse contexto absurdo como crítica social frente à crise moral e econômica da época, Giudice ilustra não apenas os conflitos do personagem, mas de toda uma sociedade que enfrenta a falta de oportunidades e a abstenção da justiça social, uma sociedade anulada e, como João, minúscula em importância, sem moradia digna, sem voz nem vez, sem vida.

O amarelo das outras palavras, no terço final, delineia um contraste com o preto ao fundo, na pressuposta lápide. Sob esse vértice, as palavras em amarelo, bem como o seu formato, dão a impressão de que estão dispostas dessa maneira para que possam ser vistas de longe e para que durem mais tempo. Assim, se assemelham às inscrições em pedra ou ferro alocadas em campas funerárias nos cemitérios. Melo (2011, p. 35), afirma que

Sem dúvida, a lápide é um mecanismo que tem a função de manter a memória e consolidar a história por meio da tradição física, social e

afetiva. A pedra que a compõe tem seu valor simbólico por ter uma lenta deterioração física e por ser resistente ao tempo, dando maior proteção ao corpo de quem já partiu.

A autora acrescenta, ainda, que o formato das letras pode evidenciar também uma relação ou uma herança concretista (Melo, 2011), seguindo uma uniformidade, em certo aspecto, com inscrições talhadas em pedra ou construídas a partir de moldes de ferro, e, por consequência, distanciando-se de algo elaborado ou desenhado sob alguma experimentação estética. Quando em campas funerárias, algo dessa natureza dificilmente entra em cogitação. Essas concepções vêm a ratificar uma perspectiva de busca pela permanência e pela lembrança, bem como de sentido à vida.

Na capa figuram em branco as duas últimas letras “o” do título, assim como o nome do autor. No que concerne às letras em específico, são compostas por figuras que se aproximam das facetas da tragédia e da comédia, em primeira análise, sob referência teatral. Veloso (2018), nesse caso, as enquadra como susto e astúcia, e acrescenta: “O acento agudo no penúltimo ‘o’ se assemelha a uma bomba prestes a causar danos, enquanto o último observa e sorri; eis aqui, a meu ver, a imagem do oprimido tornando-se uma bomba e do opressor tornando-se um tolo” (Veloso, 2018, p. 118).

O ambiente sócio-histórico encontrado por Giudice no Brasil do início da década de 70 é, em linhas gerais, o fator propulsor da produção d’*O arquivo* e da capa de *Necrológio*. Além disso, a sua concepção busca, de alguma forma, uma conexão entre as diferentes características que a compõem, de modo que evita pontos afastados de uma significação mais profunda, desafiando o regime e levando à reflexão questões importantes para a sociedade da época.

As características elencadas demonstram algumas das possibilidades de leitura do subtexto presente na literatura de Giudice e, além disso, dão vazão aos variados níveis de significação (Coelho, 2013) que surgem como pontos agregadores na concepção estética da imagem da capa. De modo geral, acerca da função exercida pela capa de um livro, importa ressaltar:

A capa de um livro é a primeira responsável por estabelecer a ligação entre o mundo exterior, do leitor, e o mundo interior, da narrativa. Ela funciona como uma ponte visual que se vale de referências simbólicas para expressar, comunicar e convidar o leitor a adentrar o mundo da leitura e os caminhos daquele texto. Uma boa capa deve sugerir sem entregar, insinuar sem explicar. Sua função é expressar esteticamente algum ponto central da narrativa ou apenas sugerir uma ambientação que estimule a criatividade do leitor e desperte nele o desejo de partilhar e interagir com o universo de caminhos aberto pelo leitor (Silveira, 2006, p. 41).

Giudice estabelece uma ligação direta entre o mundo exterior e interior em *Necrológio*. Se utiliza de referências simbólicas para convencer o leitor a abrir o livro, mas além de sugerir, entrega, além de insinuar, narra. A capa de *Necrológio* está um passo à frente nesses quesitos porque ultrapassa a mera sugestão e apresenta uma ambientação de um contexto narrativo diferente, que amplia o processo de leitura. Pode-se afirmar, inclusive, que há processos de recepção muito diversos ao leitor quando toma contato com a narrativa d'*O arquivo* em *Necrológio* e quando a encontra em compêndios, desvinculada da imagem da capa.

Sob uma proposta de análise e apresentação de hipóteses em contrassenso literário, ao focar na capa, mesmo que não apenas nela, englobando tanto os estudos realizados anteriormente, quanto a perspectiva crítica, torna-se pertinente frisar que:

A obra de um grande escritor possui várias camadas superpostas, muitos degraus de iniciação, e só poderá ser conquistada em profundidade pouco a pouco. Logo à entrada, há um salão de recepção, onde os admiradores da primeira hora vão fazer o elogio do dono da casa. Que talento, que bom gosto, uma delícia! Mas é vasto o casarão, e às vezes é preciso uma paciência enorme para abrir todas as portas, explorar os corredores inquietantes, subir e descer escadas, descobrir a cozinha e o quintal da casa. Às vezes o dono está escondido no porão. Há muito visitante que jamais sairá da sala. Basta-lhe, em todas as causas, a leve espuma, a imagem fácil, a comodidade das primeiras impressões, que é uma fofa poltrona para o espírito (Meyer, 2007, p. 189-190).

O autor se aproxima da concepção de Coelho (2013) relativa aos variados níveis de significação. Para ele, a leitura atenta e a observação dos detalhes são fundamentais, fazendo com que se torne preferível e até necessárias algumas releituras ou uma análise dos pontos característicos da narrativa. As possibilidades de interpretação da capa de *Necrológio* enquanto objeto estético estão, de certa maneira, ligadas a uma percepção próxima de tal argumento, pois se trata de algo essencial na ligação entre leitor e texto.

A imagem da capa pode ser vista como uma complementação à leitura da narrativa do conto ou como objeto estético singular. Giudice criou uma figuração que diz muito sobre o conto e que apresenta uma gama significativa de possibilidades não só no processo de abertura ou entrada para a leitura, mas também se consubstanciando através da narrativa, quando há uma observação conjunta do todo, considerando tanto a imagem da capa quanto a narrativa d'O *arquivo*. Além disso, enquanto imagem, a capa da obra demonstra uma significação em si mesma, não apenas ilustrando fragmentos da narrativa, mas também construindo uma nova relação com a materialidade do objeto estético.

3 CONCLUSÃO

Giudice utilizou de grande inventividade para produzir a capa de *Necrológio*, inserindo nela as primeiras frases do conto *O arquivo*. As características do seu trabalho ultrapassam o senso comum e, inclusive questionam e quebram paradigmas quanto às concepções prévias acerca da funcionalidade da capa em obras literárias. Giudice produziu uma capa que enaltece e dá nova significação ao objeto estético do livro e, de certa maneira, desafiou a própria resistência do meio literário no que condiz ao trabalho como capista.

Necrológio abre a possibilidade de leitura em contrassenso literário ao proporcionar uma recepção diferenciada que une a imagem e a narrativa em um jogo bastante desafiador. Além de escrever um conto inicial que abre uma gama de possibilidades e discussões sobre a problemática trabalhista, social, psicológica e

política, sobretudo por meio do subtexto e do não dito, o autor concebeu um objeto estético-literário que abre possibilidades diferenciadas de ampliação de significações da obra. Giudice provoca com a narrativa e com a capa. Propõe uma visão diversa da literatura e do objeto estético do livro, ancorado em uma concepção disruptiva e inovadora da leitura. Trata-se, por fim, de uma obra com características incomuns, com um grande valor estético tanto no que condiz à imagem, quanto no que condiz à narrativa, e que merece, porque não dizer, uma reedição.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Tereza Virginia de. Victor Giudice e o ritmo irresistível. **Organon**, Porto Alegre, v. 31, n. 61, p. 49-63, jul/dez, 2016.
- ALMEIDA, Tereza Virginia; VELOSO, Carolina; SALVIATO, Anna Viana; MENIM, Luisa. **Museu Victor Giudice**. Florianópolis: UFSC, 2018.
- COELHO, Nelly Novaes. **Escritores Brasileiros do Século XX**: um testemunho crítico. Taubaté: LetraSelvagem, 2013.
- GIUDICE, Victor. **Necrológio**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro. 1972.
- GIUDICE, Victor. **Salvador Janta no Lamas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- GIUDICE, Victor. **Museu Darbot e outros mistérios**. Rio de Janeiro: Leviatã, 1994.
- MELO, Maria Albertina Freitas de. **Necrológio de Victor Giudice**: artimanhas ficcionais em tempos ditatoriais. 2011. 152p. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2011.
- MEYER, Augusto. **Ensaio Escolhidos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MORICONI, Italo. **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: objetiva, 2009.
- SANTOS, Acácio Luiz. Representação de uma desumanização naturalizada: uma leitura de “O arquivo”, de Victor Giudice. **Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 1-7, dez, 2008.
- SCOVILLE, André Luiz Martins Lopez de. **Abrindo o arquivo**: relações entre personagem e espaço nas narrativas de Victor Giudice. 2004. 145p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- SCOVILLE, André Luiz Martins Lopez de. O fantasma do autoritarismo nas narrativas de Victor Giudice. **Revista da Anpoll**, [S.l.], v. 1, n. 21, p. 11-27, jul./dez., 2006.

SILVEIRA, Mariana Newlands. **Bibliomania no sistema literário**. 2006. 68p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SOUZA, Liana Aparecida Pauluka de. **Entre a fábrica e o cárcere: uma leitura de dois contos de Victor Giudice pelo viés da criminologia**. 2017. 140p. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

VELOSO, Carolina. Anos 70: censura e violência na obra de Victor Giudice. In: ALMEIDA, Tereza Virginia; VELOSO, Carolina; SALVIATO, Anna Viana; MENIM, Luisa. **Museu Victor Giudice**. Florianópolis: UFSC, 2018. p. 115-134.

Contribuição de Autoria

1 – Alexandre Leidens

Doutorando em Letras, no Programa de Pós-Graduação em Letras, da UEL - Universidade Estadual de Londrina,
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
<https://orcid.org/0000-0002-9628-1737> • leidens.ale@gmail.com
Contribuição: Conceituação, Metodologia, Escrita – revisão e edição

Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

LEIDENS, A. Necrológio, de Victor Giudice: uma leitura de capa. **Literatura e Autoritarismo**, n. 44, e88646, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X88646> Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/88646>. Acesso em: xx/xx/xxxx.